

ENTRE O RISCO E O LIMITE: NOTAS SOBRE A SÉRIE DOCUMENTAL “POR UM RESPIRO”

Marcus Vinícius Martins da Silva*

Luis Felipe Lenz**

Davi da Silveira Seer***

POR UM RESPIRO: a primeira temporada completa. Dirigida por Susanna Lira. Produzida por Nuno Godolphim. Rio de Janeiro: Ocean Films, 2020. (165 min.).

Estreada em 27 de novembro de 2020 na plataforma *Globoplay*¹, a série documental *Por um Respiro*, produzida pela Ocean Films, narra histórias e memórias contundentes sobre a pandemia do novo coronavírus no Brasil. No momento em que o país ultrapassa a marca de 160 mil mortos pela Covid-19 (doença causada pelo novo coronavírus Sars-CoV-2), a série vem a calhar o retrato de um contexto intenso, desesperador e marcado pela linha tênue entre o risco e o limite.

Composta por seis episódios na primeira temporada, a série apresenta narrativas de sofrimento, dor, desesperança, medo e pânico no momento mais crítico da pandemia no Brasil. Os episódios – que possuem em média 30 minutos de duração – possibilitam que os espectadores conheçam vidas, relatos e histórias de profissionais de saúde e de pacientes acometidos pela doença. O cenário em que se passam todos os episódios da série é o Hospital Universitário Pedro Ernesto, conhecido como HUPE², localizado no Bairro Vila Isabel, na cidade do Rio de Janeiro.

¹ Plataforma digital de entretenimento por assinatura.

² Inaugurado em 1950, o HUPE é vinculado à Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

*Graduando em Antropologia pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Bolsista de Iniciação Científica no INCT Brasil Plural/UFSC. E-mail: marcusmartinsbr@gmail.com.

**Graduando em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Bolsista de Iniciação Científica no INCT Brasil Plural/UFSC. E-mail: oluislenz@gmail.com.

***Graduando em Antropologia pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Bolsista de Iniciação Científica no INCT Brasil Plural/UFSC. E-mail: davi.seer@gmail.com.

Justificativa: Trabalho realizado no âmbito do projeto “A Covid-19 no Brasil: análise e resposta aos impactos sociais da pandemia entre profissionais de saúde e população em isolamento” da Rede Covid-19 Humanidades - componente Santa Catarina, sob orientação das professoras Dr^{as}. Márcia Grisotti e Priscila Detoni.

A direção da série é assinada pela cineasta Susanna Lira e pelo roteirista Jorge Pestana, que durante um mês acompanharam a rotina de médicos, enfermeiros, técnicos e pacientes da ala Covid no HUPE. A equipe do documentário seguiu rigorosamente as normas e condições sanitárias para a realização das gravações nas dependências do hospital. Vale lembrar que o trabalho foi gravado em um dos momentos mais críticos da pandemia no Brasil, momento em que o país se encontrava com forte disseminação do vírus e com a capacidade de leitos esgotados. A série aponta para o retrato de um cenário crítico em que as extremidades foram afetadas e o risco se deparou com o limite.

Como se sabe, a pandemia de Covid-19 – ainda em curso no Brasil e em diversos países no mundo – tem evidenciado uma série de problemáticas preocupantes para pesquisadores e especialistas. Os efeitos da doença são devastadores em campos como o da economia, educação, plano familiar e, sobretudo, e não menos importante, na saúde física e mental das pessoas. É sabido que em contextos como o atual devemos sempre lembrar dos impactos na saúde mental, que podem gerar algum adoecimento psíquico em pelo menos dois terços da população (MELO *et al.* 2020). Profissionais da saúde contaminados, adoecidos e internados por Covid-19 são afetados psicologicamente pelo conhecimento da transmissibilidade e letalidade da doença, somada a sua necessidade de distanciamento social. Familiares e amigos próximos também são acometidos a vivenciarem experiências subjetivas que lhes angustiam e, não raro, os profissionais de saúde, aquelas e aqueles que estão na linha de frente em diversas unidades de saúde espalhadas pelo país, sobrevivendo como qualquer outro indivíduo da sociedade, mas com uma diferença crucial: o fato de estarem cuidando e lutando na linha de frente pela vida das pessoas, diante de uma patologia ainda pouco conhecida e sem medicamentos eficazes e seguros.

Esses profissionais estão nos mais variados centros e instituições hospitalares do país, são eles e elas que ainda estão diante do trabalho duro e em muitos dos casos, realizando o impossível para fazer jus ao compromisso profissional. Esses profissionais, como indivíduos sociais, também estão atravessando dificuldades decorrentes da pandemia e também estão sendo afetados emocionalmente com o cenário alarmante que presenciam no ambiente de trabalho. Esses e essas precisam saber lidar com essa realidade diante das demandas de saúde e encarar a precariedade de recursos, que já fazia parte do seus contextos, além de estarem expostos ao contágio em um ambiente em que a linha tênue entre a vida e a morte andam juntas de forma intensa.

A série *Por um Respiro* retrata um pouco dessa realidade trivial que é o ambiente hospitalar e a rotina de médicos, enfermeiros, técnicos e pacientes durante a pandemia de Covid-19 no Brasil. Nos seis episódios da série são retratados eventos, relatos, histórias e casos de pessoas que vivenciaram a rotina do hospital durante os primeiros meses da pandemia no país. Uma dessas pessoas é a médica Caryna Cabral, chefe da Unidade de Terapia Intensiva (UTI) e uma das responsáveis pela linha de frente no tratamento de internados pela Covid-19 no HUPE. Caryna é uma mulher branca, com cabelos curtos e loiros, estatura nem baixa e nem alta, aparentando ter entre 40 e 45 anos de idade. Sua maneira objetiva, culta e crítica de falar revela em parte o seu capital cultural e as suas origens.

Desde o início da pandemia, quando muitos pacientes acometidos e em estado grave de saúde ingressaram no hospital, Caryna vem administrando a gestão da UTI do HUPE, resolvendo questões de ordem burocrática junto à direção e atuando como médica, coordenando a equipe multidisciplinar de profissionais de diversas áreas da saúde que cuidam dos pacientes internados de maneira coletiva.

Um desses pacientes é o Flávio, um homem branco de 39 anos com sérios problemas de saúde – como problemas respiratórios e renais – e que está internado pelo motivo: Covid-19. Flávio se encontra internado há mais de dez semanas no hospital e o seu único acompanhante é o seu relato desesperançoso de estar no internamento há tantos dias, tendo que presenciar duras cenas de mortes de outros doentes internados na enfermaria junto com ele. Emociona-se algumas vezes e relata como sente falta da família e de como a mesma luta para sobreviver frente às dificuldades econômicas da pandemia mesmo sem sua presença.

João Miguel é um menino negro de 9 anos, filho de uma mãe negra, de cabelos longos e magra. O motivo de sua internação são problemas respiratórios agravados depois de contrair Covid-19. A aflição de sua mãe é nítida, acompanhando interminavelmente sua internação. Na Unidade de Terapia Intensiva Pediátrica (UTIP) também está presente Peterson, um bebê negro de 1 ano e 2 meses, por agravamento de problemas respiratórios. Sua mãe desesperada em ver o filho daquela forma, entubado, acaricia-o pelos cabelos ao passo que lágrimas escorrem dos seus olhos. Para a Dra. Raquel, médica intensivista da UTIP, vivenciar cenas como essas é muito difícil, principalmente num momento em que pessoas estão morrendo e mães suplicam pela vida de seus filhos.

O enfermeiro Juan, um jovem negro, aparentemente com idade entre 25 e 30 anos, vai trabalhar no HUPE todos os dias de bicicleta. Seu relato mais contundente é o de não rever a avó, acometida por Alzheimer, desde o dia 15 de março de

2020. Sobre as vidas ceifadas pela pandemia, ele comenta: “É uma doença grave e que as pessoas normalizaram. Uma doença que matou 100 mil pessoas e que estão tratando como uma mera gripezinha”.

A série produzida por documentaristas e jornalistas trata sobre o cenário delicado e ao mesmo tempo caótico que a pandemia gerou. As informações são muitas, como relatos, narrativas, sentimentos, emoções e perspectivas, o que nos revela a enorme facilidade em que profissionais da comunicação lidam efetivamente com uma quantidade exacerbada de conteúdo.

Também é curioso como a série é construída sob o olhar dos produtores, daquilo que revela a delicadeza dos detalhes, das situações e dos discursos, um discurso todavia projetado pela ótica do trabalho jornalístico documental, que muito vem sendo feito em outras produções sobre a pandemia de Covid-19 no Brasil. As histórias recortadas e as cenas de realidade que a série nos mostra acenam para questões muito sensíveis sobre os impactos da pandemia na realidade das pessoas mais vulneráveis que são acometidas a vivenciarem momentos irrealistas quando contaminadas, internadas ou até mesmo com familiares e amigos hospitalizados.

Nesse arsenal de pessoas em vulnerabilidade, encontramos uma gama de profissionais de diversas regiões do país com origens diferentes, cores, gênero, sexualidade, formação acadêmica e classe econômica, o que diferencia o modo como enfrentam a pandemia, seja como profissionais ou como indivíduos sociais como todos os demais. Além disso, só por serem profissionais de saúde e estarem atuando diretamente com doentes e contaminados, correm o risco de também contraírem o vírus, tendo em vista que o ambiente hospitalar é tóxico e infeccioso. A série revela ainda questões problemáticas e relevantes para pesquisadores, especialistas e gestores públicos refletirem e desenvolverem ações estratégicas para o público em questão, o que é imprescindível para que continuem vivos, com saúde e trabalhando para que possam continuar atuando na linha de frente de combate à pandemia no país.

O forte apelo às emoções está sempre presente na série. A trilha sonora é envolvente, parecendo ser cuidadosamente escolhida para realçar a seriedade e sensibilizar o ouvinte. Nesse sentido, somando esse fator à conscientização a respeito do tema Covid-19 e sua reação na sociedade, percebe-se que a sensibilização não vem pela análise e nem pela razão biomédica, senão pelos sentimentos humanos – em querer se curar, voltar para casa e para perto da família, viver a vida como era antes. Nesse contexto, emergem reflexões sobre o luto e a dimensão limiar entre a

vida e a morte, sobretudo com os relatos de um paciente que se foi e as narrativas dos profissionais de saúde que convivem com tais perdas com frequência. Dessa maneira, a gravidade da doença é transmitida através das vivências e relatos cuidadosamente selecionados a fim de comover o público através de narrativas reais.

As reflexões despertadas neste recorte da série podem ser divididas entre o impacto na população e o avanço da doença. Quanto ao seu impacto, vemos, através do acompanhamento dos pacientes, como a Covid-19 alcança a todos, quando dois jovens, um com 23 e outro com 20 anos, são internados com complicações graves, mudando a ideia de que somente pessoas idosas e acometidas com comorbidades desenvolvem quadros graves. Outro aspecto desse impacto trata da interação com o mundo fora do hospital, o que é retratado durante toda a série, a solidão dos pacientes distante de todos os familiares, sem visitas presenciais, sem sequer ver um rosto inteiro em detrimento da necessidade de proteção através do uso de máscara, até que ocorre um alívio na ala Covid: os celulares pessoais são liberados (até então não eram permitidos, as chamadas de vídeo com familiares se davam através dos celulares dos profissionais de saúde, com frequência limitada), fazendo com que os efeitos do distanciamento social da internação se amenizassem, ainda que pouco.

Sobre o avanço da pandemia, a série continuou acompanhando Flávio que, após 14 semanas internado, felizmente recebeu alta da unidade Covid, sendo possível voltar para casa alguns dias depois, com a expectativa de reencontrar seus familiares, cansado e dizendo ao sair: “Nunca mais quero pisar em um hospital de novo!”. Este reencontro, no atual momento da pandemia no Brasil, meio milhão de famílias não puderam vivenciar. E é logo substituído pela informação de que sua vaga na UTI já estaria novamente ocupada, a enfermaria continua cheia e as internações por Covid-19 não param, o que condiz com o título do último episódio: “O Fim Não Está Próximo”. Ao final da série, passamos de 1 milhão de mortes no mundo. No Brasil, eram 6 milhões de infectados e 170 mil mortos, visto a situação atual, 6 meses depois, infelizmente o título estava correto.

A série nos leva por um lado pessoal da pandemia, seja pelos acometidos pelo vírus ou por aqueles que resistem na linha de frente no combate aos efeitos da contaminação. O acompanhamento de indivíduos afetados de diferentes formas pela Covid-19 faz com que, através da produção, a população reconheça a árdua batalha que é enfrentar a doença como paciente e todas as dificuldades que passam os profissionais de saúde incumbidos dessa missão que se torna cada vez mais complexa e desgastante, caso não seja acompanhada de medidas políticas de controle

e conscientização. A minimização dos impactos da pandemia mundial de Covid-19 por esferas políticas e midiáticas não contribui para que caminhemos em direção a uma “solução do problema”, pelo contrário, criam estigmas e desinformação que colocam vidas em risco, por isso, obras como esta são importantes no reconhecimento do problema e na valorização dos profissionais de saúde, imprescindíveis para o controle da pandemia.

REFERÊNCIA

MELO, Bernardo Dolabella et al. *Saúde Mental e Atenção Psicossocial na Pandemia COVID-19: Recomendações Gerais*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2020.